

## Hipólita Jacinta Teixeira de Mello

Carlos Alberto Dias Ferreira  
Universidade Severino Sombra - USS  
Curso de Mestrado em História Social  
E-mail: carlossobrio@hotmail.com

### Hipólita Jacinta Teixeira de Mello

Na Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 1, nº 5: novembro de 2005, na página 86, foi publicada uma pequena nota com o título “Hipólita, a inconfidente”:

*“Não se sabe se por causa da nossa tradição machista, pouco se fala em Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, a única mulher inconfidente. Quando se pensa na Inconfidência Mineira, a personagem feminina que nos vem à cabeça é Marília de Dirceu. Diferentemente da musa inspiradora do poeta Cláudio Manuel da Costa, Hipólita teve participação ativa na conspiração. Casada com o coronel Francisco Teixeira Lopes, ela promovia reuniões secretas na fazenda da Ponta do Morro em Vila Rica, hoje Ouro Preto. Pelo que consta, era uma das vozes mais enérgicas do grupo, e decerto se aproveitava de sua condição de mulher acima de qualquer suspeita para fazer veicular mensagens secretas entre os inconfidentes. Muito bem informada, foi ela quem denunciou Joaquim Silvério dos Reis como delator aos companheiros e avisou em primeira mão, ao resto do grupo, que Tiradentes havia sido preso no Rio de Janeiro. Por tudo isso, não se explica por que Hipólita não figure ainda no panteão dos heróis da Inconfidência Mineira<sup>265</sup>”.*

Até aquela data as mulheres relacionadas, na historiografia brasileira, com a Inconfidência Mineira era Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira, esposa de Inácio José de Alvarenga, considerada heroína da Inconfidência Mineira por causa dos indícios nas Notas de Frei Raimundo da Anunciação Penaforte, um dos encarregados de dar assistência espiritual aos condenados durante a leitura das sentenças, que ao referir-se a Alvarenga Peixoto, registrou:

---

<sup>265</sup> Adaptado de José Antônio de Ávila Sacramento. Em *Hipólita, a inconfidente pradense*.

*“Representou Alvarenga, cuja alma era mais pensadora e sua imagem mais viva, estar inteiramente transportado. Rompeu em vozes e raciocínios tão extravagantes, que o religioso que a sorte lhe deparou, dos onze, o acordou repetidas vezes do transporte horrórico a que se tinha entregado. Já recriminava a sua esposa, por lhe ter impedido os primeiros vôos (e talvez os últimos) de sua fidelidade<sup>266</sup>”.*

A segunda trata-se de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, mais conhecida como A Marília de Dirceu, noiva e musa do poeta Tomás Antônio Gonzaga. O namoro entre Gonzaga e Maria Dorotéia, havia se formalizado em meados de 1788, Gonzaga contava nesta época a idade de 44 anos e Dorotéia 21 anos. Dorotéia vai ganhar destaque, na Inconfidência, após a prisão de Gonzaga na fortaleza da Ilha da Cobras, no Rio de Janeiro, onde ele passa a escrever e trocar cartas com a noiva e a compor poemas em que exaltava a sua beleza, esses poemas, provavelmente, foi escritos antes de 1790, quando recebe uma carta de Maria Dorotéia rompendo as relações.

Com o objetivo de facilitar os futuros pesquisadores, que venham a se interessar, pelo objeto deste texto, e por se tratar de um texto muito pequeno, transcrevemos abaixo os escritos de José Antônio de Ávila Sacramento em: *Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, a inconfidente pradense*:

*“Sabemos que a Conjuração Mineira não foi um movimento exclusivamente masculino. Dentre as personalidades femininas que atuaram no movimento libertário de Minas Gerais, merece registro a atuação de Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, que nasceu e viveu no vizinho município de Prados. Investigações mais profundas e bem fundamentadas sobre a participação dessa mulher no levante de 1789 estão sendo levadas a efeito pelo historiador e homem público pradense Paulo de Carvalho Vale.*

*Dona Hipólita era a mulher mais rica dessa região. Filha de portugueses, foi batizada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Prados, no dia 15 de setembro de 1748. Vivia na Fazenda da Ponta do Morro, era de fino trato e possuidora de vasta cultura. Na Ponta do Morro ela vivia como num palacete, com muito luxo e cercada de muitos criados. Utilizava porcelana chinesa, rica prataria e a casa eram bem decoradas, com finíssimos tapetes importados. Casou-se com o coronel Francisco Teixeira Lopes e não teve filhos legítimos. Foi mãe adotiva e educadora de*

---

<sup>266</sup> Autos, v. 9, 1978, p. 181).

*duas crianças. A primeira, que fora abandonada na porta de sua fazenda, recebeu o nome de Antônio Francisco Teixeira Coelho (filho de Maria da Silveira Bueno, irmã de Bárbara Heliadora); a outra, de nome Francisco da Anunciação Teixeira Coelho, mais tarde veio a ser padre (vigário em Formiga/MG) e deputado à Assembléia Provincial nos anos de 1866/67. Hipólita, como pode ser constatado nos assentamentos batismais e no seu testamento, foi madrinha de diversas crianças humildes da região e, também, deixou muito ouro para os pobres da então "Freguezia de Prados".*

*É dela a autoria da célebre carta que denunciava a Joaquim Silvério dos Reis como o traidor de seus "companheiros" de revolução. Foi autora de diversos avisos sigilosos, dando conta de que o Tiradentes fora preso no Rio de Janeiro. Escreveu e enviou ao Padre Toledo, através de seu compadre Vitoriano Gonçalves Veloso, o seguinte bilhete: "Dou-vos parte, com certeza, de que se acham presos, no Rio de Janeiro, Joaquim Silvério dos Reis e o alferes Tiradentes, para que vos sirva ou se ponham em cautela; e quem não é capaz para as coisas, não se meta nelas; e mais vale morrer com honra que viver com desonra". Quando percebeu que o movimento fracassava, tentou alertar ao coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, aconselhando-o para "montar uma reação, a partir lá do Serro".*

*Naquela fazenda da Ponta do Morro a nossa inconfidente promovia reuniões secretas, incentivava uma tomada de posição enérgica contra a exploração do nosso povo e, como era muito rica, financiou algumas ações dos inconfidentes. Ela pagou caro pelo seu envolvimento com o fracasso do movimento revolucionário. Durante a Devassa teve seqüestrados todos os seus bens. O marido foi preso e sentenciado ao degredo perpétuo, no continente africano. Com o intuito de obter o perdão da Coroa Portuguesa ela mandou fazer um cacho de bananas, confeccionado em ouro maciço, e mandou que o seu irmão o oferecesse a D. Maria I, rainha de Portugal. A valiosa peça não chegou ao seu destino, pois foi interceptada pelo Visconde de Barbacena (o que será que o Visconde fez daquele "presente"?).*

*Após um difícil e longo processo, com a ajuda de alguns amigos, em 1808, Hipólita conseguiu reaver boa parte de seu patrimônio. Faleceu em 27 de abril de 1828, vitimada por icterícia e foi sepultada na capela-mór da matriz de Prados. Em 21 de abril de 1999 foi postumamente condecorada pelo governo de Minas Gerais com a Medalha da Inconfidência.*

*Hipólita, expressão feminina da maior importância na Conjuração Mineira, não está esquecida; fazendo justiça à atuação dela, o historiador e prefeito pradense está resgatando*

*gradativamente a sua biografia e formidável atuação. Aos interessados em se aprofundarem no assunto, recomendo a leitura da obra "De Prados, da 'Ponta do Morro', para a Liberdade", de autoria do insigne Paulo de Carvalho Vale. É recomendável também fazer uma visita àquela bem cuidada "Cidade Presépio": além de muita história, cultura, hospitalidade e artesanato, o visitante terá a oportunidade de observar, erigido na praça central, um expressivo monumento em memória da Dona Hipólita, obra idealizada e inaugurada durante a (primeira) gestão do atual prefeito<sup>267</sup>".*

Na Mitologia, Hipólita foi a Rainha das Amazonas e tem seu destino traçado por Adameta, filha de Eristeu, que deseja possui o cinturão da rainha das amazonas, objetivando atender os caprichos da filha, Eristeu dá ordens a Hércules para que o traga. Hercules viajou acompanhado por diversos voluntários e chega ao país das amazonas depois de diversas aventuras. Hipólita recebe-o muito bem e aceita a idéia de entregar-lhe o cinturão, porém Juno, assumindo a forma de uma amazona, persuadiu as demais mulheres de que Hércules estava enganando sua rainha. As guerreiras se armam e avançam sobre o navio, Hércules, julgando-se traído por Hipólita, mata-a, tira-lhe o cinturão e retorna a viagem, cumprindo as ordens de Eristeu<sup>268</sup>

Dessa forma, “a vida repete a arte”, tanto na mitologia como na vida real, Hipólita acaba sendo traída. Desta forma, com a apresentação e divulgação deste trabalho, pretendemos nos redimir destas traições e incentivar e fornecer “novos objetos de pesquisas”, principalmente para aqueles que estão iniciando no campo da História e têm a pretensão de tornar-se historiadores.

Coincidentemente, Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, nasceu na cidade vizinha ao do biografado, objeto da dissertação em desenvolvimento na Universidade Severino Sombra, intitulada: *Francisco Paulo de Almeida — Barão de Guaraciaba: relações de poder e biografia de um negro no Brasil Império*. Ela nasce em Prados-MG e ele em Lagoa Dourada-MG, ambas vizinhas de São João Del Rei, todas cortadas pelo Rio das Mortes, importante hidrografia da região que servia de azimute para as tropas que cruzavam em direção ao Rio de Janeiro e a São Paulo. Daí meu interesse por sua trajetória.

---

<sup>267</sup> *Hipólita, a inconfidente pradense*. Tribuna Saojoanense. São João Del Rei – MG, 21 abr 2002, Edição 1094, p. 2.

<sup>268</sup> Para aprofundamento no tema Mitologia, ver: BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia: História de Deuses e Heróis (A Idade da Fábula)*. São Paulo: Martin Claret, 2006 (Coleção a obra-prima de cada autor. Série Ouro; 45).

No jornal o Estado de Minas de 13 de março de 1983, sob o título: *A mulher em Minas: primeiros séculos*, temos a seguinte publicação:

*“Aos pés da Serra de São José, ponta norte, bem perto de Prados, o mato rasteiro esconde as ruínas do que foi a casa de Dona Hipólita Teixeira. Filha do rico homem Pedro Teixeira, o Velho, e casada com o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, colega de Tiradentes no Regimento de Dragões de Minas, bem dotada e culta, era muito mais instruída que o marido. Hipólita Teixeira foi a mais notável dentre as mulheres da Conjuração. Todos os seus bens foram seqüestrados, enquanto Bárbara Eliodora recebia, livre, a meação mais favorável dos bens do marido. Para Hipólita não foram respeitados nem mesmo os bens individuais da herança paterna. Não tendo filhos, criou e educou o filho de Maria Silveira Buena, irmã de Bárbara Eliodora, que fora conquistada e abandonada pelo Tenente Antônio José Dias Coelbo, o mesmo encarregado pelo Visconde de Barbacena de prender, mais tarde, Alvarenga Peixoto (marido de Bárbara), Pe. Rolim e outros.*

*Hipólita Teixeira escreveu a carta denúncia contra-atacando e responsabilizando Joaquim Silvério dos Reis, o delator. Foi ela quem escreveu os avisos sigilosos de que Tiradentes fora preso no Rio de Janeiro [“Dou-vos parte com certeza que se acham presos, no Rio de Janeiro, Joaquim Silvério e o Alferes Tiradentes, para que vos sirva, ou se ponhais em cautela: e quem não é capaz para as coisas, não se meta nelas; e mais vale morrer com honra que viver com desonra”. Hipólita Jac.ª. Teix.ª. (inserção minha)], expedindo mensagem pelo seu compadre, o alfaiate Vitoriano Veloso, uma para Vila Rica, em busca de seu marido e outra, a alcançar o Pe. Toledo na Fazenda do Mendanha. Fez do filho adotivo um liberal, deputado e Barão da ponta do Morro, título que lhe foi conferido pelo Imperador. Na Serra de São José falta hoje um monumento à mulher, e seria, com justiça, dedicado a Hipólita Jacinta Teixeira de Melo pela coragem e dignidade de seus atos”.*

Recentemente, abril de 2008, em consequência das pesquisas para o meu trabalho, uma vez que a documentação referente a Cidade de Lagoa Dourada do século XIX, foi em seu primeiro momento transferida para Prados e posteriormente para São João Del Rei, estive na Cidade de Prados, onde graças a iniciativa de Paulo de Carvalho Vale (historiador e ex-prefeito da cidade) foi construída uma pirâmide como memorial em homenagem a Hipólita Jacinta Teixeira de Mello bem como aos poucos vem sendo resgatada a sua memória, pelo menos na Cidade onde nasceu.

## SINTESE BIOGRÁFICA

Hipólita Jacinta Teixeira de Mello nasceu em Prados – MG, sendo batizada na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em 15 de setembro de 1748, cujo registro consta na folha 134 do 4º Livro de Batismo da Paróquia de Prados, com o nome de Theodozia e retificado, posteriormente, para Hipólita, conforme nota colocada pelo vigário Manoel Martins de Carvalho à margem do assentamento:

*“Aos quinze dias do mês de setembro de mil, setecentos e quarenta e oito na Matriz desta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Prados, baptizei solenemente e pus os santos óleos a Theodózia, filha legítima do Capitam Pedro Teixeira de Carvalho e de sua mulber Clara Maria de Mello, fregueses desta Freguesia; e foram padrinhos o Tenente-Coronel Constantino Alves de Azevedo, solteiro da Vila de São Joseph e Dona Anna Maria de Araújo, casada, da Vila de São João del-Rey e para constar, fêz este assento que assigno dia mês e ano ut supra – o Coadjutor Manoel Gomes da Costa”.*

*Nota: Está colocada à margem do dito assento, a seguinte observação: Declaro que a baptizada se chama Hipólita. (a) O Vigário Manoel Martins de Carvalho”.*

Era filha legítima do Capitão Pedro Teixeira de Carvalho, o Velho, e de Clara Maria de Mello. Eram avós, pelo lado paterno, Gaspar Teixeira de Carvalho e Anastácia, portugueses, e, pelo lado materno, os também portugueses, Paulo de Mello Pereira e Mariana da Costa. Vivia com todo conforto e luxo na Fazenda da Ponta do Morro, em Prados, com seus pais, dos quais recebeu educação esmerada, contratando professores a peso de ouro (no século XVIII eram raros os que exerciam arte de ensinar no Brasil). Hipólita Jacinta Teixeira de Mello casou-se com o Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, nascido em Barbacena em 23 de novembro de 1749. Percebe-se que ela era um pouco mais velha que seu marido, fato incomum para aquela época. Embora, não tenham tido filhos, o casal criou, educou e, mais tarde, constituiu por herdeiro universal de todos os seus bens, o filho natural de Maria Silveira Bueno (nascida em 1761 – falecida em 1797 e irmã de Bárbara Eliodora), Antônio Francisco (batizado na Matriz de Prados em 03 de janeiro de 1787), que havia sido abandonado na porta de sua fazenda. Mais tarde, o Tenente General Antônio José Dias Coelho o reconheceu como filho, passando, então a

assinar Antônio Francisco Teixeira Coelho. Este mesmo militar foi o encarregado pelo Visconde de Barbacena de prender Alvarenga Peixoto, entre outros inconfidentes. Hipólita Jacinta Teixeira de Mello investiu na educação de seu filho adotivo (sobrinho de Bárbara Eliodora e Alvarenga Peixoto), mas faleceu antes de vê-lo ser chamado pelo povo, de Barão da Ponta do Morro, ser agraciado com a comenda da Ordem da Rosa (pelo Imperador) e de ser escolhido deputado provincial à Assembléia Legislativa, nas legislaturas 4ª de 1842 a 1843, 5ª de 1844 a 1845 e 6ª de 1846 a 1847. Além deste, adotou o filho natural de Ana Umbelina das Chagas, exposto em sua casa. Quando Hipólita Teixeira morre, o menino tinha doze anos. O Barão da Ponta Grossa continua com a educação de “seu irmão caçula”, incentivando-o na sua inclinação sacerdotal, sendo o mesmo ordenado em 1839. Padre Francisco Anunciação Teixeira Coelho foi deputado Provincial na 15ª de 1865 a 1866 e 16ª de 1866 a 1867, legislaturas, e vigário de Formiga, no oeste de Minas Gerais.

Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, dentre as mulheres da Conjuração Mineira, a única a participar ativamente, de fato, denotando um comprometimento com este movimento “libertador”, as demais, Bárbara Eliodora e Maria Dorotéia Joaquina de Seixas — a “Marília de Dirceu” — envolveram-se ou foram envolvidas no movimento através de seus pares masculinos. Hipólita, diferentemente, delas, desde o início é uma permanente incentivadora do marido, teve decretado o seqüestro de todos os seus bens, mesmo aqueles de herança paterna, pelo Visconde de Barbacena, por ocasião da Devassa, não sendo respeitada a meação, alegando que a mesma “tivera uma efetiva participação na Inconfidência”. Após longas pendências judiciais (que duraram até 1804), com a ajuda de amigos, de seu irmão Dr. Gonçalo Teixeira, com diversos artifícios e maldosas artimanhas e ainda com a conivência do Ouvido Luiz Ferreira de Araújo e Azevedo, conseguiu salvar e reaver quase todo o seu patrimônio. A pedido dela, Dr. Gonçalo Teixeira de Carvalho, seu irmão e capitão-mor da Vila de São José, sucessor do pai no dito cargo e que respondia pela ordem pública no tempo da Inconfidência, partiu para o Rio de Janeiro, levando, dentro de um saco de açúcar preto, uma grande quantidade de ouro em pó, para arrematar “em praça” os bens que lá possuía e que foram confiscados pela Junta da Real Fazenda. No testamento do dito Capitão-Mor Dr. Gonçalo, falecido em 11 de dezembro de 1812, em Prados, o mesmo declarou que deixava a sua mencionada irmã, em pagamento de vultuosa dívida, uma casa residencial de dois sobrados, na Rua do Rosário, com frente para a Rua do Hospício, no Rio de Janeiro, provando que Hipólita recuperou também este patrimônio, que, até a morte

de seu irmão, não constava como dela. Muito ilustrada, escreveu a carta denúncia atacando e responsabilizando o delator Joaquim Silvério dos Reis e foi autora dos avisos sigilosos de que Tiradentes fora preso no Rio de Janeiro. Solicitou a seu compadre, Vitoriano Gonçalves Veloso, alfaiate que residia bem próximo à Gruta do Ouro, terras anexas à sua fazenda, no local denominado Bichinho, que partisse imediatamente com estes bilhetes secretos, endereçados um a seu marido em Vila Rica (encontrando-o já de volta nas proximidades de Paraopeba) e o outro para avisar o Padre Toledo, vigário da Vila de São José, hoje Tiradentes, alcançando-o na fazenda do Medanha, de propriedade do traidor Pamplona, em Lagoa Dourada. Dizia o bilhete na linguagem da época: “Dou-vos parte com certeza que se acham presos, no Rio de Janeiro, Joaquim Silvério dos Reis e o Alferes Tiradentes para que vos sirva, ou se ponhais em cautela, e quem não é capaz para as coisas, não se meta nelas; e mais vale morrer com honra que viver com desonra”, conforme denunciou mais tarde o traidor Pamplona, na Inquirição em Vila Rica em 30 de junho de 1789. Procurou, ainda, numa última tentativa para salvar os esforços da “rebelião”, àquela altura já dada ao fracasso, por ter sido denunciada pelo traidor Silvério dos Reis, enviar uma carta, através de seu amigo alfaiate, ao Coronel Francisco de Paula Freire, conclamando-o à reação e aconselhando-o a começar o “levante” lá do Serro.

Hipólita Teixeira de Mello, embora silenciada e não divulgada pela historiografia brasileira, o gênero feminino de maior participação ativa no movimento inconfidente que, com coragem, efetiva participação e sofrendo opressão dos detentores do poder no Estado, não deixou em momento algum de incentivar os envolvidos na Conjuração Mineira, acabando por perder o marido, degredado perpetuamente para a África. Hipólita, na trama da Conjuração Mineira, foi a manifestação política da mulher, fato raro e inusitado para época, embora não seja um caso isolado e único.

A ousadia custou-lhe caro. Sofreu a opressão dos detentores do poder. A repressão não a perdoou, embora tivesse evitado incluí-la no rol dos indiciados ou mesmo decretar a sua prisão. Sua relação de sociabilidades contava com o laço de compadrio e parentesco de vários inconfidentes: Vitoriano Veloso era seu compadre e vizinho, ajudando-a a queimar, prudentemente, todos os papéis comprometedores, quando soube pelo seu cunhado o Pe. José Lopes, que a revolução estava descoberta pelas autoridades. Segundo a tradição pradense, desesperada, ao sentir que tudo estava perdido, ofereceu um cacho de bananas de ouro maciço a D. Maria I, Rainha de Portugal, com o intuito de alcançar da Coroa Portuguesa o perdão da pena que fora imposta a seu marido. O Visconde de Barbacena

apoderou-se deste valioso presente, interceptando-o, não deixando, portanto, que o mesmo chegasse ao seu destino. Cabe salientar que este episódio, relatado como uma “tradição pradense” será citado por outros autores, porém com atores diferentes, como é o caso do relato constante na obra de Ana Luiza Martins: *Império do café: a grande lavoura no Brasil, 1850 a 1890*. São Paulo: Atual, 1990 e Maria Dilecta Grieg: *Café: histórico, negócios e elite*. São Paulo: Olho d’Água, 2000: BN. VI-77,5,29; onde o “cacho de bananas de ouro maciço”, retorna a cena, porém com outros personagens.

Hipólita Jacinta Teixeira de Mello abraça a “causa” da Conjuração por convicção, nas fontes a que tive acesso, até o presente momento, nenhuma dá indícios de problemas financeiros ou de intenção em ingressar na vida política. Ela era considerada uma das mulheres mais ricas da região, sendo madrinha de batismo na Freguesia de Prados (o compadrio, no século XIX, era tido como uma das redes de sociabilidades que mais qualificavam o indivíduo(a) nos meios sociais, quanto mais afilhados, maior o prestígio), de muitas centenas de crianças, como se pode constar dos livros antigos, deixando muito ouro para os pobres da Freguesia de Prados, conforme se verifica no seu testamento que se encontra arquivado no IPHAN de São João Del Rei – Minas Gerais.

*“Aos 27 de abril de 1828, faleceu com todos os sacramentos, Hipólita Jacinta Teixeira de Mello, viúva que ficou do falecido Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, de icterícia, e no dia 29 do mesmo mês, acompanhada do Reverendo Pároco e mais sacerdotes que se puderam ajuntar, com os quais todos se fez um ofício solene, segundo a disposição do seu testamento e foi sepultada nesta Matriz de Prados, na Capela-Mor; foi encomendada por mim e para constar, fiz este assento que assinei era ut supra. O Coadjutor João Rodrigues de Mello<sup>269</sup>”.*

## ÚLTIMAS PALAVRAS

O cerne deste trabalho foi o de trazer ao meio acadêmico, principalmente para os que estão se iniciando no campo historiográfico, uma nova fonte, um novo objeto merecedor de atenção e análise por parte dos pesquisadores e historiadores. As teias envoltas na participação de Hipólita Jacinta Teixeira de Mello se abrem num leque abrangente para o aprofundamento em diversas categorias — Gênero, política, rede de

---

<sup>269</sup> Fls. 142v, Livro de Óbitos de Prados.

sociabilidades, relações de poder, economia, etc. —, tenho consciência de que a leitura destas linhas e o contexto existente em muito auxiliaram, nos primeiros passos para uma pesquisa e historiografia mais aprofundada.